

Tradução do livro 15 do *Opus agriculturae* de Paládio

Matheus Trevizam  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

**RESUMO:** Neste trabalho, apresentamos traduzida parte da obra agrônômica de Paládio, que escreveu em Roma na passagem do séc. IV para o V d.C. Intitulado *Opus agriculturae* (OA), o tratado paladiano contém quatorze livros em prosa e um pequeno poema de características didáticas no fim. O tema do poema, chamado *Carmen de insitione* (“Poema sobre o enxerto”), é a técnica da enxertia arbórea. Do ponto de vista formal, observamos que Paládio provavelmente se baseou em Columela (séc. I d.C.), autor de *De re rustica*, ao inserir um livro em versos no OA: sabemos, com efeito, que o livro 10 do tratado columeliano fora composto em metro hexâmetro datílico. Contudo, *Insit.* se diferencia por ter sido composto sob a forma de oitenta e cinco dísticos elegíacos. Além da tradução, feita em disposição justalinear com o original e acrescida de notas explicativas, juntamos informações prévias para situar esse autor em seu meio e OA no contexto da literatura técnica antiga.

**Palavras-chave:** Paládio; literatura técnica; poesia; tradução.

Translation of the book 15 of *Opus Agriculturae* by Palladius

**ABSTRACT:** In this work, we present the translation of a part of Palladius' agronomic work, which he wrote in Rome at the turn of the 4<sup>th</sup> to the 5<sup>th</sup> century AD. *Opus Agriculturae* being the name of the Palladian treatise, it contains fourteen prose books and a short poem with didactic characteristics at the end. The theme of the poem, called *Carmen de insitione* (“Poem about grafting”), is the technique of arboreal grafting. From a formal point of view, we observe that Palladius probably based himself on Columella (1<sup>st</sup> century AD), author of *De re rustica*, when inserting a book in verse in the OA: we know, in fact, that the book 10 of the Columellian treatise was composed in dactylic hexameter meter. However, *Insit.* is distinguished by having been composed in the form of eighty-five elegiac couplets. In addition to the translation, made in a juxta linear arrangement with the original, containing explanatory notes, we have added introductory explanations to place this author in his milieu and the OA in the context of ancient technical literature.

**Keywords:** Palladius; technical literature; poetry; translation.



## Introdução: Paládio e seu meio

Na passagem do séc. IV para o V d.C. (CASAS, 1990, p. 8-9), viveu e produziu um obscuro agrônomo romano chamado Rutilio Tauro Emiliano Paládio. Em tentativa de aproximação dessa personagem da época tardia da literatura latina, os filólogos por vezes observaram que “os nomes Paládio e Rutilio apontam para uma origem na Gália”.<sup>1</sup> Os manuscritos de sua única obra conhecida, *OA*, dizem-no ainda *uir inlustris* (“varão ilustre”), tendo tal título começado a ficar em uso em Roma a partir da segunda metade do séc. IV d.C. para designar, de fato, homens de altíssima posição no Senado (FITCH, 2013, p. 11).

Como informações adicionais a respeito do mesmo escritor, podemos dizer que Paládio relata, em *OA*, ser dono de terras na Sardenha (4.10.16; 12.15.3), em algum ponto da Itália (4.10.24) e nas imediações da cidade de Roma (3.25.1). Além disso, ele comenta ter tido experiências de cultivo agrário em certas regiões de clima “bem frio” ou “frio” (4.10.15; 8.3.2), levando a pensar que se trata de áreas distintas daquelas zonas mediterrâneas citadas há pouco:

*Talea siue claua eius calidissimis regionibus et per autumnum ponitur; frigidissimis Iulio et Augusto positas et cotidianis rigationibus animatas ipse usque ad poma et magna incrementa perduxit. Citreum iuuari creditur, si cucurbitae uicinis locis serantur; quarum uites etiam combustae utilem citri arboribus cinerem praebent.*<sup>2</sup>

*Nunc citri taleam loco inrigo, frigidis regionibus plantasse me memini et cotidianis animasse liquoribus, quae et nascendo et adferendo uotum felicitatis aequauit.*<sup>3</sup>

Obviamente, o conjunto desses testemunhos faz entender que o contato do autor com o universo agrário não se restringe ao uso de fontes livrescas,<sup>4</sup> mas

<sup>1</sup> Fitch, 2013, p. 11: “... the names Palladius and Rutilius point to an origin in Gaul”. Exceto em caso de indicação contrária, todas as traduções de textos em línguas modernas e antigas são de nossa autoria.

<sup>2</sup> Paládio, *OA* 4.10.15: “Planta-se a estaca ou seu pimpolho, nas regiões mais quentes, também durante o outono: *nas bem frias, eu mesmo levei a frutificar e dar grande rendimento* aqueles [limoeiros] plantados em julho e agosto, com auxílio de irrigação cotidiana. Julga-se que o limão é ajudado caso se plante em lugar próximo das abóboras: seus caules, até queimados, dão cinza útil para as árvores do limoeiro” (grifos nossos).

<sup>3</sup> Paládio, *OA* 8.3.2: “Agora, planta-se a estaca do limoeiro em lugar irrigado; *em regiões frias, lembro-me de ter plantado e auxiliado com cotidiana umidade*; ao crescer e dar frutos, igualou meus votos de sucesso” (grifo nosso).

<sup>4</sup> Paládio, *OA* 1.19.3: *Negat Columella uentilanda esse frumenta, quia magis miscentur animalia totis aceruis, quae si non moueantur, in summitate intra mensuram palmi subsistent et hoc uelut corrupto corio cetera inlaesa durabunt.* – “*Columela diz que os grãos não devem ser ventilados, pois mais se misturam bichos aos montes inteiros. Se não se mexer neles, ficarão por cima até a profundidade de um palmo e, tirando essa camada como algo ruim, o restante durará sem danos*” (grifo nosso). As

antes pressupõe real experiência de vida e algum empenho *in loco* nos campos. Sob tal aspecto, ele se diferencia de um escritor *rerum rusticarum* como o Virgílio das *G.*, pois, apesar da longa tradição de atribuir origens camponesas ao poeta de Mântua,<sup>5</sup> o texto desse erudito poema revela sobretudo a dependência de fontes escritas prévias, a exemplo da *Hist. pl.* de Teofrasto, dos *Phaen.* de Arato de Solos (para os trechos astronômicos do livro 1) e dos diálogos de Varrão:

A atitude em relação a Varrão é comparável, embora aqui a dívida de Virgílio seja maior; na verdade, é justo dizer que as *Geórgicas* teriam sido bem diferentes se Varrão não tivesse publicado seu tratado pouco antes de Virgílio começar a trabalhar em seu poema. Virgílio usou-o como fonte de informação sobre vários assuntos: para o tratamento dos tipos de solo, para o gado e, particularmente, para as abelhas. E a prece que abre o poema, paralela, embora bem diferente, à própria prece de Varrão, funciona em parte como um reconhecimento da dívida de Virgílio (1.1-42n.).<sup>6</sup>

Paládio, ademais, refere a personagem de Pasifilo, igualmente obscura,<sup>7</sup> no proêmio em prosa do livro 15 de sua obra. Ali, corresponde ele ao próprio

---

principais fontes escritas paladianas são assim sumarizadas por Fitch (2013, p. 13): “In addition to his own experience, Palladius draws chiefly on three authorities. For field crops, including vines and olives, and for animal husbandry he relies on Columella, who wrote in the first century AD. As his chief source on vegetable gardens and fruit trees, Palladius uses Gargilius Martialis, who wrote in the third century; since these works of Martialis are now largely lost, Palladius gives us valuable indications of their content. Third, for more exotic material such as recipes for flavoured wines, Palladius draws on a compilation of agricultural information by the fourth-century Greek writer Anatolius of Beirut”. – “Além de sua própria experiência, Paládio se baseia principalmente em três autoridades. Para culturas campestres, incluindo vinhas e azeitonas, e para a criação de animais, ele confia em Columela, que escreveu no primeiro século d.C. Como sua principal fonte sobre hortas e árvores frutíferas, Paládio se serve de Gargílio Marcial, que escreveu no século III; visto que essas obras de Marcial estão agora em grande parte perdidas, Paládio dá-nos indicações valiosas sobre seu conteúdo. Em terceiro lugar, para materiais mais exóticos, como receitas de vinhos aromatizados, Paládio se baseia em uma compilação de informações agrícolas do escritor grego do século IV, Anatólio de Beirute”.

<sup>5</sup> Élio Donato, *Vit. Verg.* 1-4: *1 P. Vergilius Maro Mantuanus parentibus modicis fuit ac praecipue patre. [...] 2 Natus est Gn. Pompeio Magno M. Licinio Crasso primum cons. iduum Octobrium die in pago qui Andes dicitur et abest a Mantua non procul.* – “1 Públio Virgílio Maro era mantuano, pertencente a família modesta, principalmente pelo lado paterno. [...] 2 Nasceu durante o primeiro consulado de Cneu Pompeu Magno e Marco Licínio Crasso, nos idos de outubro [dia 15], na aldeia chamada ‘Andes’, não muito distante de Mântua” (trad. Ruth Junqueira de Faria; grifos nossos).

<sup>6</sup> Thomas, 1994, p. 11: “The attitude towards Varro is comparable, though here Virgil’s debt is greater; indeed, it is fair to say that the *Georgics* would have looked very different had not Varro published his treatise shortly before Virgil began work on his poem. Virgil used it as a source of information on a number of subjects: in the treatment of soil types, on livestock, and particularly on the bees. And the prayer which opens the poem, parallel to, although very different from, Varro’s own prayer, partly functions as an acknowledgement of Virgil’s debt (1.1-42n.)”.

<sup>7</sup> Como certo testemunho do historiador Amiano Marcelino apresenta um *filósofo* de nome Pasifilo à maneira de alguém torturado, depois de acusações de envolver-se num conluio (descoberto em 371 d.C.) contra o imperador Valente, por vezes se buscou nesse mínimo detalhe uma base para situar no

dedicatário do livro em que se cita e é dito *uirum doctissimum* (“varão muito douto”). O início efetivo dessa porção de *OA* o torna alguém da confiança do autor (v. 1-2) e um amigo (v. 8). De todo modo, o tom da fala paladiana a Pasifilo no mesmo proêmio, com menção à posse comum de escravos e manifestando os escrúpulos do autor em atender às expectativas do amigo, deixa entrever todo um espaço de convivência entre homens aproximados material e intelectualmente, nas camadas superiores da sociedade coeva.

## 1. *OA*: aspectos formais e de conteúdo

Do ponto de vista formal, podemos inicialmente dizer que o tratado paladiano contém, no presente estado,<sup>8</sup> o total de quinze livros. No primeiro encontramos, após um breve proêmio, o desenvolvimento de assuntos geralmente aplicáveis à instrução dos donos de terras em vários tempos e lugares, a exemplo da boa escolha do solo de uma propriedade (cap. 5); dos preceitos para a correta feitura de edificações rurais (cap. 18, cap. 39 etc.); dos conselhos relacionados à poda ou plantio de vários tipos vegetais (cap. 6 etc.); das recomendações a fim de que haja os cuidados cabíveis a animais como galinhas (cap. 27) e pavões (cap. 28) etc.

Os livros subsequentes de *OA*, daquele de número 2 ao de número 13, constituem o núcleo significativo da obra e encerram o essencial da inventividade compositiva paladiana. Com alguma frequência os críticos referem, assim, que não parece usual na literatura técnico-didática antiga a escrita de textos “inteiros” sob a forma de um calendário de tarefas rústicas. Dessa maneira, o primeiro poema didático da tradição Ocidental, os próprios *Op.* de Hesíodo (séc. VIII-VII a.C.), contém apenas na parte derradeira uma seção destinada a distribuir tarefas agrícolas ao longo das estações do ano (v. 765-828), antecedendo-a as seções mítico-narrativa (v. 1-326) e de conselhos práticos para o camponês (v. 327-764); no tocante ao manual *Agr.*, de Catão, o Velho (séc. III-II a.C.), Raoul Goujard (1976, p. XXXIV) relata tentativas de dispor as tarefas rústicas em sequência

---

séc. IV d.C. a datação de *OA* (MEYER, 1855, p. 331); Paládio, de fato, chama “varão muito *douto*” a personagem homônima citada em seu tratado. Veja-se Amiano Marcelino, *Res Gestae* 29.1.36: *Quibus post haec cognita sequestratis, Eutropius Asiam proconsulari tunc obtinens potestate, ut factionis conscius arcessitus in crimen, abscessit innocuus, Pasiphilo eximente philosopho, qui ut eum mendacio iniusto peruerteret, crudeliter tortus, de statu robustae mentis non potuit deturbari.* – “Tendo esses sido removidos após a ciência de tais coisas, Eutrópio, então no governo da Ásia com autoridade proconsular, foi convocado sob acusação de cumplicidade no conluio. No entanto, escapou sem danos e salvo pelo filósofo Pasifilo, o qual, mesmo cruelmente torturado para ocasionar a ruína de Eutrópio com injustas mentiras, não se pôde demover de seu estado de firmeza mental” (grifo nosso).

<sup>8</sup> Segundo observa Cartelle (2007, p. 798), em começos do séc. XX foi descoberto o décimo quarto livro do tratado de Paládio, que se identifica com a parte a respeito da medicina veterinária. Semelhante descoberta ajuda a explicar os dizeres do agrônomo no *Insit.*, quando diz que Pasifilo já acolheu bem “duas vezes sete livrinhos” (*bis septem paruos... libellos* – v. 3, trad. do autor), embora faltos de ritmos e rudes: ou seja, o décimo quarto livro não pode mais ser o próprio *Carmen*.

cronológica do cap. 23 ao 53, mas essa obra ainda contém outros 109 capítulos até o fim; em G. 1.204-230, Virgílio esboça um pequeno calendário para o agricultor, recorrendo a signos celestes para dizer, basicamente, quando arar e semear.

Em nenhum desses casos se dá, na verdade, que os escritores baseiem a *dispositio* dos conteúdos de suas respectivas obras sobretudo no aspecto temporal, enquanto o tratado paladiano adota a estratégia de dedicar cada um dos livros, do segundo ao décimo terceiro, à explicação dos afazeres agrários a serem desempenhados mês a mês, de janeiro (livro 2) até dezembro (livro 13). Importa lembrar que essa característica de *OA* acabou por atribuir a tal texto grande praticidade de consulta por eventuais agricultores, pois, confrontados com suas dúvidas operacionais no *fundus rusticus* em um específico mês do ano, bastar-lhes-ia a consulta ao livro correspondente para que se inteirassem de como saná-las.

Semelhante aspecto, juntamente com os traços estilísticos desse tratado, como assinala Armendáriz,<sup>9</sup> deve ter contribuído para o sucesso da obra ao longo da Idade Média, o que se comprova pela razoável quantia de manuscritos a contê-la que nos chegam da mesma época (CARTELLE, 2007, p. 798-799). Mas o (auto)alegado despojamento<sup>10</sup> da escrita paladiana não nos deve levar a crer que nenhuma arte contenha o fazer compositivo do autor, na medida em que pesquisas pregressas chegaram a indicar, nesse processo, inclusive a presença de traços retóricos:

O fato é que, em geral, a sintaxe e o vocabulário de Paládio são perfeitamente “clássicos”; seu latim é o de um erudito, o que não é surpreendente, aliás, para um *uir illustris*, sem dúvida formado nas

<sup>9</sup> Armendáriz, 1995, p. 33: “El agrónomo de Gades [Columela] quiso sin duda dar al tema objeto de su estudio carta de ciudadanía en la república de las letras; más adelante veremos cómo su lengua cuidada y elegante supondría un obstáculo para la difusión posterior de su obra. Plinio el Viejo y Paladio criticarán – con velada alusión a Columela – el uso de un estilo rebuscado cuando el tema y el destinatario de la obra requieren al contrario una exposición sencilla; y Casiodoro, en el umbral de la Edad Media, recomendará a sus monjes iletrados la absoluta claridad (*planissima lucidatio*) de Paladio, frente a un Columela difícil, más adecuado para las gentes cultivadas que para los ignorantes”. – “O agrónomo de Cádiz sem dúvida queria dar ao objeto de seu estudo uma carta de cidadania na república das letras; mais tarde veremos como sua linguagem cuidadosa e elegante seria um obstáculo para a posterior difusão de sua obra. Plínio o Velho e Paládio irão criticar – com alusão velada a Columela – o uso de um estilo elaborado quando o assunto e o destinatário da obra requerem, ao contrário, uma exposição simples; e Cassiodoro, no limiar da Idade Média, recomendará aos seus monges analfabetos a clareza absoluta (*planissima lucidatio*) de Paládio, diante de um Columela difícil, mais adequado para os cultos do que para os ignorantes”.

<sup>10</sup> Paládio, *OA* 1.1.1: *Pars est prima prudentiae ipsam, cui praecepturus es, aestimare personam. neque enim formator agricolae debet artibus et eloquentia rhetores aemulari, quod a plerisque factum est; qui dum diserte locuntur rusticis, adsecuti sunt, ut eorum doctrina nec a disertissimis possit intelligi.* – “A prudência começa pela avaliação da própria pessoa a quem se há de preceituar. Não deve, com efeito, o mestre de um agricultor emular os retóricos nas artes e na eloquência, como fez a maioria: falando eloquentemente a rústicos, conseguiram que seu método sequer pelos mais eloquentes pudesse ser entendido” (grifo nosso).

melhores escolas. (...) Por ser puramente técnico e escrito com grande economia de meios, o *Opus Agriculturae* não deixa de ser uma excelente obra literária, e um fato basta para indicar claramente o desejo de seu autor de que fosse assim: a prosa de Paládio é uma prosa métrica,<sup>11</sup> condição necessária e suficiente para que possamos ver em seu tratado um *opus accurate scriptum*.<sup>12</sup>

Após os treze primeiros livros a que aludimos, encontramos no tratado em pauta ainda dois outros: o livro 14, em prosa – sendo seu assunto tópicos de medicina veterinária –, e o 15. Este, dito por vezes *Carmen de insitione* (“Poema sobre o enxerto”), aborda justamente a técnica de propagação vegetal que consiste em extrair um fragmento (“garfo” de enxerto etc.) de uma planta e fixá-lo sobre outra, disso resultando a obtenção de frutos híbridos. No mundo antigo, segundo explica White (1970, p. 248) a partir do testemunho do agrônomo Lúcio Júnio Moderato Columela (séc. I d.C.), havia quatro métodos conhecidos de enxertia: *insitio* (“enxerto no tronco” ou “enxerto no córtex”), dependendo da profundidade da inserção na planta hospedeira); *inoculatio*, também dita *emplastratio* (“brotação de escudos”); *terebratio* (“perfuração”), sendo esta modalidade especificamente adequada para as vinhas.

Ora, depois de dar notícia sucinta, entre v. 37-44, sobre os três primeiros métodos de enxertar supracitados, Paládio tematiza enxertos “protagonizados” pelas seguintes variedades vegetais: em v. 45-50, as vinhas dominam os enxertos comentados por Paládio; em v. 51-54, as oliveiras; em v. 55-72, as pereiras; em v. 73-76, as romãzeiras; em v. 77-94, as macieiras; em v. 95-98, os pessegueiros; em v. 99-104, os marmeleiros; em v. 105-108, as nespereiras; em v. 109-112, os limoeiros; em v. 113-118, as ameixeiras; em v. 119-126, as figueiras; em v. 127-136, as amoreiras; em v. 137-142, as sorveiras; em v. 143-148, as cerejeiras; em v. 149-156, as amendoeiras; em v. 157-160, os pistaches; em v. 161-162, as castanheiras; em v. 163-164, as noqueiras.<sup>13</sup> Por último, o agrônomo cessa de enumerar mais

<sup>11</sup> Na nota 72 de p. XLVI de sua “Introduction” à edição Les Belles Lettres de *OA* (livros 1 e 2), René Martin traz vários exemplos das cláusulas métricas paladianas, entre as quais citamos, de 1, 34, 7: *diuidendae sunt* (crético-espondeu); *pastinentur* (dicoreu); *debeimus effodere* (dátilo-peônico primeiro) etc.

<sup>12</sup> Martin, 1976, p. XLVI: “Il n’en reste pas moins que, d’une façon générale, la syntaxe et le vocabulaire de Palladius sont parfaitement ‘classiques’; son latin est celui d’un lettré, et cela n’a rien de surprenant, du reste, de la part d’un *uir illustris* formé sans aucun doute aux meilleurs écoles. (...) Pour être purement technique et écrit avec une grande économie de moyens, l’*Opus agriculturae* n’en est pas moins un ouvrage d’une excellente tenue littéraire, et un fait suffit à indiquer clairement que son auteur a voulu qu’il en fût ainsi: c’est que la prose de Palladius est une prose métrique, condition nécessaire et suffisante pour qu’on puisse voir dans son traité un *opus accurate scriptum*”.

<sup>13</sup> Talvez, um princípio organizador da disposição dos tipos vegetais cujos enxertos são comentados ao longo de *Insit.* seja iniciar o poema com duas das plantas mais importantes da agricultura antiga – ou seja, as vinhas e oliveiras –, intercalando entre elas e, no final, as espécies produtoras de frutos secos – amendoeira, pistache, castanheira e noqueira – variadas árvores frutíferas.

tipos de enxertos em v. 165-170, dizendo, entretanto, que o que fez já é suficiente para a obra de um ténue poeta.

Entre v. 1-36, importa acrescentar, Paládio antes fizera a dedicatória da obra a Pasifilo (v. 1-10); desenvolvera a *propositio* de *Insit.* (v. 11-20); ressaltara a importância da técnica do enxerto (v. 21-26) e de sua própria tarefa como escritor agrário (v. 27-36), no primeiro caso explicando que inovar no cultivo das plantas, dessa maneira, corresponde a uma “brecha” deixada pela divindade ao impulso criador humano; no segundo, referindo a utilidade de seus dizeres com vistas à fertilidade vegetal, em contraste com certas técnicas reprodutivas de animais que os geram estéreis. Diante dessa descrição sumária de todas as partes temáticas de *Insit.*, podemos dizer que o poema, construído em sequência ininterrupta, contém basicamente um proêmio (v. 1-36), um centro em nexos com a transmissão elementar de saberes técnicos sobre a técnica vegetal focalizada (v. 37-164) e um epílogo (v. 165-170).

Isso dito sobre os temas do livro 15 da obra paladiana, importa referir que ele apresenta *parciais* características aproximáveis da poesia didática antiga. Assim, na verdade entendendo que a poesia didática corresponderia a uma espécie da épica (não a um gênero independente), Toohey (1996, p. 4) explica que traços como 1. a presença de uma voz “autoral” única; 2. o endereçamento explícito a um destinatário, moldado como aluno; 3. a seriedade expositiva; 4. a veiculação de um assunto instrucional, mais do que exortatório; 5. o emprego do metro hexâmetro datílico; 6. a extensão de, ao menos, quatrocentos/oitocentos versos; 7. e a intercalação de “painéis ilustrativos” em meio aos preceitos do *magister* caracterizam essa tipologia literária.

De fato, em *Insit.*, manifesta-se a respeito da enxertia uma única voz “professoral”, a qual poderíamos entender como uma espécie de desdobramento dos saberes do autor/Paládio neste domínio técnico. Até o ponto em que pudemos compreender esse texto, ainda, entendemos ocorrer nele um modo expositivo “sério”, pois a importância mesma das práticas agrícolas, no mundo romano,<sup>14</sup> reveste suas palavras de significativa respeitabilidade. No tocante ao aspecto instrucional, tal como contido em *Insit.*, embora Toohey, na passagem citada há pouco, não explicita melhor o que entende por esse traço do didatismo literário, consideramos ser um aspecto evidente do poema paladiano alguma preocupação em ensinar/instruir o público, no mínimo, quanto aos principais tipos de enxertos arbóreos possíveis.

---

<sup>14</sup> Cícero, *Off.* 1.42.151: *Omnium autem rerum, ex quibus aliquid acquiritur, nihil est agri cultura melius, nihil uberius, nihil dulcius, nihil homine libero dignius; de qua quoniam in Catone Maiore satis multa diximus, illim assumes, quae ad hunc locum pertinebunt.* – “Mas, dentre todos os meios pelos quais algo é adquirido, nada é melhor, nada mais rico, nada mais agradável, nada mais digno de um homem livre do que a agricultura; como, sobre ela, já dissemos coisas suficientemente abundantes no *Cato Maior*, dali tomarás o que tiver relação com este tópico”.

Por sua vez, traços como o endereçamento explícito ao *discipulus* (“aluno”), a extensão usual dos poemas didáticos antigos e o aspecto dos “painéis ilustrativos” não se acham (tão) bem representados no livro 15 de Paládio. Assim, apenas entre v. 1-10 dessa parte de seu tratado é perceptível a interpelação em segunda pessoa ao ouvinte/dedicatário, ou seja, a Pasifilo, o que ali se dá com recorrência a um vocativo do nome próprio (v. 1), a formas verbais de segunda pessoa do singular (v. 7-8) e a um pronome possessivo de mesma pessoa e número (v. 10). Na sequência instrutiva do texto, o *magister* de enxertia prefere apenas comentar essa técnica referindo-se às plantas em terceira pessoa, quase como se elas prescindissem do homem para o sucesso de tal meio reprodutivo. Os meros cento e setenta versos de *Insit.*, ademais, distanciam sua pequena extensão daquela d’*Os trabalhos e os dias* hesiódicos (compostos por oitocentos e vinte e oito versos, no séc. VIII-VII a.C.), primeiro poema didático da tradição Ocidental e parâmetro tomado por Toohey (1996, p. 4) a fim de apontar qual teria sido o tamanho, no princípio, mais ou menos esperado para os espécimes da tipologia literária em jogo.

No que se atém aos referidos “painéis”, eles seriam, conforme a descrição de Toohey (1996, p. 4), pontos de pausa na estrita preceituação técnica ou filosófico-científica de um poema didático qualquer, a depender do tema de cada texto dessa tipologia. Podendo apresentar conformação narrativa – tipicamente, de mitos – ou até descritiva – como na passagem das *Laudes Italiae* (“Elogio da Itália”) das virgilianas *Geórgicas* (2.136-176) –, trechos semelhantes dos poemas didáticos favorecem, assim, razoável abertura para a *uariatio* ao longo dos textos em que se encontram. Em *Insit.*, porém, depois do proêmio e até o epílogo em versos, as indicações sobre as juntas possíveis entre as árvores, através do enxerto, prosseguem ininterruptas, sem narrativa ou descrição alguma, externamente à morfologia das plantas.

É preciso ainda esclarecer que *Insit.* contém, depois de um breve proêmio em prosa com alguns elementos de praxe – referimo-nos à dedicatória, à *propositio* do tema técnico e a uma autoapresentação cativante para o leitor –,<sup>15</sup> o total de oitenta e cinco dísticos elegíacos. A explicação para os motivos de Paládio ter composto a única parte poética de sua obra com recorrência aos dísticos, não aos hexâmetros datílicos encontráveis, por exemplo, no livro 10 do *Rust.* columeliano (no qual esse agrônomo de Cádiz desenvolve tópicos técnicos em vínculo com a horticultura),<sup>16</sup> não é fácil, mas talvez isso se deva, segundo aventa Fitch (2013,

<sup>15</sup> Reboul (2004, p. 55) justamente refere que cabia, por excelência, aos exórdios dos discursos antigos a recorrência à *captatio benevolentiae* do público. Por sua vez, Casas (1990, p. 14) aponta no trecho *uerum nescio, si tuum modo ad has minutias inclinetur ingenium* (“na verdade, não sei se teu espírito se inclina a tais minúcias”), do proêmio prosístico do livro 15 de *OA*, o uso de uma fórmula convencional – de afetar a modéstia – para conseguir esse efeito.

<sup>16</sup> Também *G.* de Virgílio e a tradição da poesia didática antiga, em geral, recorreram aos hexâmetros datílicos para sua escrita (TOOHEY, 1996, p. 4). Além disso, o livro columeliano citado insere-se com

p. 20-21), a mera aquiescência do agrônomo a um interesse difundido, em sua época, pela forma métrica em jogo.<sup>17</sup> De todo modo, encontramos neste ponto mais um aspecto do distanciamento de Paládio em relação aos traços típicos da tipologia da poesia didática, conforme supracitados a partir de Toohey (1996).

Por fim, em que pese à relativa seletividade expositiva desse livro 15, que praticamente não veicula outras informações técnicas sobre os enxertos a não ser explicando quais combinações arbóreas entende possíveis em tal forma de cultivo, ele não deixa de ter algum colorido retórico-poético, dado por modestas referências míticas (v. 27; v. 45; v. 51; v. 61; v. 86; v. 87; v. 97; v. 149), pelo emprego de vivas personificações das plantas (v. 139-140; v. 145-147), por efeitos cromáticos de contraste (v. 143-148) etc.

## 2. Nota sobre os parâmetros de tradução

É justamente essa parte de *OA* que aqui apresentamos em tradução não metrificada, disposta linha a linha de acordo com o original e em tentativa de não embotar efeitos expressivos como esses citados há pouco. Procedimentos semelhantes parece adotar John G. Fitch, em sua tradução da obra para o inglês;<sup>18</sup> Kai Brodersen, na edição e tradução do tratado paladiano recentemente publicado pela editora Walter de Gruyter,<sup>19</sup> optou pelo processo tradutório em prosa; a tradução de Ana Moure Casas, publicada pela Editorial Gredos,<sup>20</sup> não só dispusera em linhas/versos o livro 15 do *OA* como também, afirma a estudiosa de língua espanhola, procurou dar um passo além e recriar alguns efeitos rítmicos do original latino.<sup>21</sup>

Não temos notícia de nenhuma tradução já publicada, completa ou parcial, desse tratado de Paládio em língua portuguesa, o que talvez faria do trabalho aqui proposto uma primeira tentativa em nosso idioma. No processo

---

mais força na tradição da poesia instrutiva agrícola, tal como presente nessa obra de Virgílio, na medida em que o gaditano continua um tópico técnico deixado aos pósteros pelo próprio poeta de Mântua, após tangenciar de leve o assunto do cultivo de jardins ao longo do episódio do Velho corício (*G.* 4, 125-148); por sua vez, o livro 15 de *OA* encerra essa série da literatura latina, pois é o terceiro poema agrário, com traços didáticos, de que temos conhecimento na literatura latina.

<sup>17</sup> Na época “tardia” da latinidade, o próprio fabulista Flávio Aviano (séc. IV-V d.C.) serviu-se da estrofe elegíaca para compor suas quarenta e duas fábulas, apesar da preferência em Fedro (séc. I d.C.), por exemplo, pelos senários jâmbicos. O polígrafo Cláudio Claudiano, ainda, mais ou menos contemporâneo de Paládio e Aviano, seguiu (inclusive em partes do poema épico chamado *De raptu Proserpinae*) esse mesmo modelo métrico. Veja-se Penna (2018, p. 182): “Os livros I e II vêm introduzidos por prefácios em dístico elegíaco e de natureza metapoética”.

<sup>18</sup> Palladius, 2013.

<sup>19</sup> Palladius, 2016.

<sup>20</sup> Paladio, 1990.

<sup>21</sup> Casas, 1990, p. 78: “Nuestra traducción del *Carmen de Insitione* intenta recoger algunos aspectos rítmicos, especialmente las cláusulas, del único libro en verso de Paladio”. – “Nossa tradução do *Carmen de Insitione* tenta recuperar alguns aspectos rítmicos, especialmente as cláusulas, do único livro em versos de Paládio”.

tradutório justalinear, que facilitaria acompanhar em cotejo o original paladiano e as soluções que demos, não quisemos, servilmente, verter palavra a palavra o latim, nem sermos interpretativos em excesso.<sup>22</sup> Além disso, aspectos como as repetições, a ordem das palavras – sendo possível – e a tessitura advinda do trabalho letrado do escritor romano (com tons antropomorfizantes ao descrever as plantas e, sobretudo, “psicologizantes” nesse sentido; a recorrência a catacreses e outras figuras etc.) foram mantidos em nossa versão, espera-se.

As poucas notas explicativas que juntamos pontualmente ao próprio texto traduzido visam a esclarecer pormenores de caráter interpretativo e mítico, bem como a destacar efeitos da expressividade do original latino. Optamos, por fim, por servir-nos ao traduzir da edição de texto latino preparada por J. C. Schmitt para a editora Teubner,<sup>23</sup> exceto no quesito da numeração do *Insit*. (“Poema sobre o enxerto”), ali considerado, na falta da parte sobre a medicina veterinária, como o livro décimo quarto (e final) da obra *OA*.

### 3. Texto latino

*Liber XV*  
*siue*  
*De insitione*

163

*AD PASIPHILVM VIRVM DOCTISSIMVM.*

*Habes aliud indultae fiduciae testimonium. Pro usura temporis hoc opus tibi de arte insitionis adieci. Sed quod uolumina haec ruris colendi serius, quam iusseras, scripta sunt, librarii manus segnior effecit, cuius ego tarditatem numquam maligne aestimo. Existimo enim, quo frequenter inclinet argutia famulorum. Malo opera eius expectare potius quam timere. [2] Nescio, utrum commune sit dominis: mihi difficile contingit in seruilibus ingeniis inuenire temperiem. Ita saepissime natura haec uitiat commodum, si quod est, et miscet optanda contrariis. Velocitas procurrit in facinus; segnities figuram benignitatis imitatur et tantum recedit ab agilitate, quantum recessit a scelere. Diu tamen apud te pudorem meum distuli, sed hoc quasi bonus famulus feci. Verum nescio, si tuum modo ad has minutias inclinetur ingenium. [3] Grande erit et par desiderio suo, quod studii tui quaerat adfectio. Et licet de hic nugis fauorabiliter sentias, ego meas opes aestimare non differo. Non est magni loci assibus intuendis oculos duxisse per puluerem, quia nescio quomodo notae sunt quaedam maximarum personarum minuta compendia.*

*Pasiphile, ornatus fidei, cui iure fatemur,*

---

<sup>22</sup> Cícero, *Opt. Gen.* 14: *In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui.* – “Nisso, não palavra por palavra entendi ser necessário traduzir, mas todo o caráter das palavras e sua força conservei”.

<sup>23</sup> Ver Paladii Rutilii Tauri Aemiliani Viri Inlustris, MDCCCLXXXVIII.

<i>si quid in arcano pectoris umbra tegit, bis septem paruos, opus agricolare, libellos, quos manus haec scripsit parte silente pedum, nec strictos numeris nec Apollinis amne fluentes sed pura tantum rusticitate rudes commendas, dignaris, amas et uilia dicta adfectu socii sollicitante colis.</i>	5
<i>Nunc ideo modicum crescens fiducia carmen obtulit arbitrio laetificanda tuo.</i>	10
<i>Est nostrae studium non condemnabile Musae urbanum fari rusticitatis opus: sub thalami specie felices iungere siluas, ut suboli mixtus crescat utrimque decor, connexumque nemus uestire adfinibus umbris et gemina partum nobilitare coma, foederibus blandis dulces confundere sucos et laeta duplicis fruge saporis ali: quae quibus hospitium praestent uirgulta, docebo, quae sit adoptiuus arbor onusta comis.</i>	15 20
<i>Ipse poli rector, quo lucida sidera currunt, quo fixa est tellus, quo fluit unda maris, cum posset mixtos ramis inducere flores et uaria grauidum pingere fronde nemus, dignatus nostros hoc insignire labores, naturam fieri sanxit ab arte nouam.</i>	25
<i>Non segne officium nostrae reor esse Camenae aut operis parui gratia fiet inops. Si uelocis equae pigro miscetur asello ardor, ut in sterilem res cadat acta gradum fecundumque genus productus delet heres et sibi defectum copia prolis agat: cur non arbor inops pinguescat ab hospite gemma et decus externi floris adepta micet?</i>	30
<i>Incipiam, quicquid ueteres scripsere coloni, sacraque priscorum uerba labore sequar.</i>	35
<i>Principio multas species industria sollers protulit et doctam iussit inire manum, nam quaecumque uirens alienis frondibus arbor comitur, his discit credita ferre modis.</i>	40
<i>Aut noua discreto figuntur germina libro aut aliud sumunt robora fissa caput</i>	

*aut uirides oculos externi gemma tumoris  
excipit et lento stringitur uda sinu.*

DE VITE.

*Primus Echionii palmes se iungere Bacchi  
nouit et externo tenditur uua mero.* 45

*Nexilibus gemmis fecundos implicat artus  
uitis et amplexum pascit adulta genus  
degenerisque comae uestigia mitis inumbrat  
pampinus et pingui curuat onusta deo.* 50

DE OLIVA

*Robora Palladii decorant siluestria rami,  
nobilitat partus baca superba feros,  
fecundat sterilis pingues oleaster oliuas  
et quae non nouit munera, ferre docet.*

DE PIRO.

*Germine cana pirus niueos haud inuida flores  
commodat et uarium nectit amore nemus.* 55

*Nunc rapit hirsutis horrenda sororibus arma  
et docet indomitas ponere tela piros.*

*Nunc teretem pingui producit acumine malum  
fraxineasque nouo flectit honore manus.* 60

165

*Phyllida quin etiam grandi mitescere fructu  
instituens, durae dat sua membra cuti.*

*Et steriles spinos et inertem fetibus ornum  
dotat et ignotum cogit amare decus.*

*Huius et inmissi uertere cydonea rami  
pomaque confusus blanda creauit odor.* 65

*Castaneae septos aspro uelamine fetus  
exuit et placido pondere mutat onus*

*mespilaque exarmat pugnacibus horrida membris  
et mala tranquillo cortice uota premit.* 70

*Creditur in Libycis sua germina nectere ramis  
laetaque Puniceo posse decore frui.*

DE MALO PVNICO.

*Punica non alios umquam dignata saporis  
mala nec externis adsociata comis,  
ipsa suas augent mutato semine gemmas  
et sibi cognato picta rubore placent.* 75

DE POMO.

*Insita proceris pergit concrescere ramis  
et sociam mutat malus amica pirum*

<i>seque feros siluis hortatur linquere mores et partu gaudet nobiliore frui.</i>	80
<i>Spiniferas prunos armataque robora sentes leuigat et pulchris uestit adulta comis.</i>	
<i>Exiguam sorbum dulci distendere suco nouit et ad cupidas flectere poma manus.</i>	
<i>Stipitibus gaudet nomen mutare salignis et gratum Nymphis spargere flore nemus.</i>	85
<i>Robora thyrsigero platani concordia Baccho fetibus instituit plena rubere nouis.</i>	
<i>Illius insolitas miratur Persicus umbras populeaeque ferunt candida dona comae.</i>	90
<i>Mespilus huic paret lapidosaque uiscera mutans tenditur et niueo plena liquore rubet.</i>	
<i>Pro sudibus fetis et pro praegnantibus armis castaneae fuluum dant noua mala decus.</i>	
<i>DE PERSICO.</i>	
<i>Ipsa suos onerat meliori germine ramos persicus et pruno scit sociare genus imponitque leues in stipite Phyllidis umbras et tali discit fortior esse gradu.</i>	95
<i>DE MALO CYDONEO.</i>	
<i>Cum praestet cunctis se fulua cydonea pomis, alterius nullo creditur hospitio.</i>	100
<i>Roboris externi librum aspernata superbit, scit tantum nullo crescere posse decus.</i>	
<i>Sed propriis pandens cognata cubilia ramis stat contenta suum nobilitare bonum.</i>	
<i>DE MESPILO.</i>	
<i>Aemula dura piri despecti mala saporis mepilus admissio germine tuta subit et geminis sese uiolentior inserit armis atque auidas terrent robora saeua manus.</i>	105
<i>DE CITRO.</i>	
<i>Nec non et citrei patiuntur mutua rami pignora, quae grauido cortice morus alit, pomaque pasturi blando redolentia suco armatis mutant spicula nota piris.</i>	110
<i>DE PRVNO.</i>	
<i>Pruna suis addunt felicia germina membris donaque cognato corpore laeta ferunt.</i>	

<i>Exarmat fetus, sed brachia roboris armat castaneae prunus iussa tenere larem. DE SILIQVA.</i>	115
<i>Adsuescunt siliquae uiridi mollescere suco et gremio pascunt cerea poma suo. DE FICV.</i>	
<i>Persuadet moris tetrum uariare colorem ficus et inuasis dat sua iura comis.</i>	120
<i>Se quoque miratur pingui grandescere suco et solitum gaudet uincere poma modum. Insignes foliis platanos, felicia mensis brachia, gaudentes uitis honore comas ingrediens pingui se cortice maxima ficus seruat et optatos inplet adepta sinus. DE MORO.</i>	125
<i>Mutua quin etiam moris commercia ficus praestat et oblatum robore germen alit. Fraxinus huic auidae confert sua membra sodali et metuit fetus sparsa cruore novos.</i>	130
<i>Proceras fagos et poma hirsuta uirentis castaneae duris aspera mala comis inficiens monstrat piceo nigrescere partu, et suco pascit turgida poma nouo.</i>	
<i>Obsequitur moris blando terebinthus odore et geminis ueniunt munera mixta bonis. DE SORBIS.</i>	135
<i>Sorba suos partus merito maioris honestant seminis et pulchro curua labore nitent. Haec arbos spinae duros mucronibus artus exuit ac libris mitibus arma tegit aureaque adnexo miscere cydonea fetu gaudet et externi dona coloris amat. DE CERASO.</i>	140
<i>Inseritur lauro cerasus partuque coacto tinguit adoptiuus uirginis ora pudor.</i>	
<i>Vmbrantes platanos et iniquam robore prunum conpellit gemmis pingere membra suis populeasque nouo distinguit munere frondes, sic blandus spargit brachia cana rubor. DE AMYGDALO.</i>	145
<i>Phyllis odoratos primaueis floribus artus</i>	

<i>discisso pruni cortice fixa tegit</i>	150
<i>pomaque permutat uelamine Persica mixto</i>	
<i>duritiemque docet tegminis esse loco.</i>	
<i>In modicam tornat siliqua tendente figuram</i>	
<i>et frondes pulchro ditat odore feras</i>	
<i>castaneamque trucem depulsis cogit echinis</i>	155
<i>mirari fructus leuia poma sui.</i>	
<i>DE PISTACIIS.</i>	
<i>Quin et amygdaleos subeunt pistacia ramos</i>	
<i>et meritum maius de breuitate petunt.</i>	
<i>Haec et cognato cingens terebinthus amictu</i>	
<i>nutrit adoptiuus nobilitanda comis.</i>	160
<i>DE CASTANEA.</i>	
<i>Flumineam salicem fecundant ardua membra</i>	
<i>castaneae et multo pasta liquore uigent.</i>	
<i>DE NVCE.</i>	
<i>Arbuteas frondes uastae nucis occupat umbra</i>	
<i>pomaque sub duplici cortice tuta refert.</i>	
<i>Cetera, quae sollers processu temporis usus</i>	165
<i>exprimet exemplis instituere nouis.</i>	
<i>Haec sat erit tenuem uersu memorasse poetam,</i>	
<i>quem iuuat effossi terga mouere soli.</i>	168
<i>Carmina tu duros inter formata bidentes</i>	
<i>aspera sed miti rusticitate lege.</i>	170

#### 4. Tradução

### Livro XV ou Sobre o enxerto

A PASIFILO, VARÃO MUITO DOUTO.

Tens aqui outro penhor do crédito que me concedeste. Para pagar os juros do tempo decorrido, juntei esta obra sobre a técnica do enxerto.<sup>24</sup> Mas, terem esses volumes sobre o cultivo do campo sido transcritos mais tarde do que demandaras foi advindo da mão indolente do copista, com cuja lentidão nunca crio problemas. Com efeito, levo em conta como, amiúde, se dão os ardis de nossos escravos. Prefiro esperar o trabalho dele a ter receios. [2] Não sei se é

<sup>24</sup> Ana Moure Casas (1990, p. 475) lembra que o emprego de termos de caráter jurídico, neste ponto do original latino – tais como *fiducia*, *testimonium*, *usura* – remete a usos semelhantes no início do livro 10 do *Rust.* columeliano.

comum entre os senhores: para mim, é difícil encontrar equilíbrio na índole dos escravos. Assim, com muita frequência a natureza servil estraga o que convém, caso exista, e mistura o desejável ao avesso. A prontidão logo se lança ao delito; a indolência faz figura de ser amável e tanto se afasta da agilidade quanto se afastou do delito. Muito, no entanto, adiei falar-te de meu embaraço; mas o fiz como um bom servidor. Na verdade, não sei se teu espírito se inclina a tais minúcias. [3] Será algo grande e digno da ambição, que tua índole aplicada persegue. E, embora penses favoravelmente sobre minhas nugas, não titubeio eu em fazer avaliação de meus próprios recursos. Não é de alguém em alto posto passar os olhos pelo pó à cata de vinténs, pois – não sei como – certos ganhos menores envergonham as mais distintas pessoas.<sup>25</sup>

Pasifilo, honra da boa-fé, a quem com razão me abro,  
se algo encobre a sombra nos arcanos do peito:  
duas vezes sete livrinhos, obra agrícola,  
que esta mão escreveu como parte sem pés,  
faltos de ritmos e sem fluírem do rio de Apolo 5  
– toscos apenas, de mera rusticidade –,  
recomendas e julgas dignos; amas e respeitas  
palavras simples, como pede teu amigável afeto.  
Agora, então, minha confiança crescente te ofereceu  
modestos versos, para teu julgamento e deleite. 10  
E a meta não condenável de minha Musa  
é produzir urbana obra de tema rústico:  
unir ricas plantas à maneira de um casamento,  
para a honra, misturada à prole, crescer de ambas;  
vestir com sombras afins um arvoredo agregado 15  
e nobilitar o resultado com dupla folhagem;  
em união branda mesclar as doces seivas  
e deliciosos frutos, com duplo sabor, aproveitar.  
Quais ramagens dão acolhida a quais eu ensinarei,  
e qual árvore se recobre com folhagens adotadas. 20  
O próprio regente do céu, por quem correm os claros astros,  
por quem se fixou a terra, por quem fluem as águas do mar,  
embora pudesse dispor flores misturadas nos ramos  
e colorir o bosque cheio de variegadas ramagens,  
dignou-se assim a tornar notável a labuta humana 25

<sup>25</sup> Interpretamos a última frase do próêmio em prosa do *Insit.* com o teor apontado por Johannes Matthias Gesner (1774, p. 161), no sentido de que, se Pasifilo (homem em alta posição) tem interesse pela obra paladiana, essa é valorizada e deixa de ser algo verdadeiramente pequeno. Então, Paládio realizaria ele mesmo uma avaliação positiva sobre o que escreveu.

e ratificou que nova Natureza fosse feita pela técnica.  
 Não julgo inútil a tarefa de minha Camena<sup>26</sup>,  
 nem que será pobre pela pequenez da obra.  
 Se é juntado o ímpeto da égua veloz a indolente  
 burrinho, para que sua união decaia a um plano estéril 30  
 e o herdeiro obtido ponha fim à fecundidade da raça,  
 causando à abundância da prole sua escassez,  
 por que uma árvore estéril não seria enriquecida com gemas de fora,  
 nem brilharia com honra advinda de alheia flor?<sup>27</sup>  
 Começarei: o que quer que tenham escrito velhos colonos 35  
 e as palavras sagradas dos antigos, com esforço seguirei.  
 Primeiro, muitos tipos o empenho engenhoso  
 criou, fazendo hábeis mãos executarem.  
 Com efeito, qualquer árvore verdejante que se adorne  
 com ramagens alheias aprende a portar a oferta assim: 40  
 ou novos garfos se prendem sob o córtex separado,  
 ou troncos fendidos recebem uma ponta,  
 ou a gema acolhe os olhos verdejantes de botão  
 alheio e, cheia de umidade, é enlaçada no oco macio.

DA VINHA.

A vara de Baco Equiônio<sup>28</sup> é a primeira a saber 45  
 juntar-se, e o cacho se incha com mosto estrangeiro.  
 Prendem-se os membros fecundos da vinha com gemas  
 enlaçadas; crescida, ela nutre o tipo que enlaçou  
 e um doce pâmpano sombreia restos da folhagem  
 inferior, inclinando-se carregado pelo rico deus. 50

DA OLIVEIRA.

Os ramos da oliveira de Palas<sup>29</sup> enfeitam troncos silvestres,  
 e a soberba azeitona enobrece agrestes frutos;

<sup>26</sup> *Camena*: depois de aludir à “Musa” helênica em v. 11 do *Carmen*, Paládio refere sua congênera itálica, Camena, ao modo de Lívio Andronico em sua tradução da *Od.* homérica para o latim (na *Odussia* do séc. III a.C.): *uirum mihi, Camena, insece uersutum* – “o varão versátil, Camena, para mim celebra”.

<sup>27</sup> Nota *ad locum* de Fitch (PALLADIUS, 2013, p. 263) explica que se trata aqui de estabelecer contraste entre criadores de animais que, por vez, produzem-nos híbridos e estéreis e bons cultores de plantas, capazes de melhorá-las (inclusive produtivamente) pela enxertia.

<sup>28</sup> *Baco Equiônio*: Equionte era casado com Agave, mãe de Baco e filha do rei Cadmo de Tebas; o próprio Baco, no entanto, fora gerado por Zeus e a mortal aludida. Penteu, filho de Equionte e Agave, tentou em vão impedir a entrada do culto dionisiaco na cidade de Tebas (GRIMAL, 1963, p. 132).

<sup>29</sup> *Ramos da oliveira de Palas*: a oliveira era uma planta consagrada a Palas Atena, que a teria produzido e dado aos homens a fim de competir com Posídon pela hegemonia divina sobre a Ática (GRIMAL, 1963, p. 58). Como notam Isager e Skydsgaard (1992, p. 166), “the olive played an important part at the Panathenaia where the prize was oil from Athene’s sacred olive trees” – “a oliveira teve um papel importante nas Panatenaiais, em que o prêmio era o azeite das oliveiras sagradas de Atena”.

o zambujeiro estéril fecunda ricas oliveiras  
e aprende a portar dons desconhecidos.

DA PEREIRA.

A pereira de garfo branco sem ciúmes oferece níveas  
flores e, amorosa, entrelaça variegado bosque. 55

Ora toma os braços cruéis das irmãs eriçadas  
e ensina pereiras agrestes a depor suas armas,  
ora alonga arredondada maçã em ponta suave,  
e dobra ramos de freixo com nova honra. 60

Ensinando Fílis,<sup>30</sup> além disso, a abrandar-se com grande  
fruto, dá seus membros a uma casca dura,  
dota espinheiros estéreis e o freixo improdutivo  
de prole, fazendo amarem ignota honra.

Seus ramos, introduzidos, mudaram marmeleiros,  
e mesclado odor produziu agradáveis frutos. 65

Despiu os frutos da castanheira, protegidos por áspero  
invólucro, e troca seu peso por mais leve fardo;  
desarma eriçadas nespereiras de seus membros hostis  
e reprime suas más intenções sob plácido córtex. 70

Julga-se que entrelaça seus garfos em líbicos ramos<sup>31</sup>  
e que, fecundada, pode desfrutar de beleza purpúrea.

DA ROMÃZEIRA.

A romãzeira,<sup>32</sup> que nunca se dignou a sabores alheios  
nem se associou a folhagens de fora, aumenta  
ela mesma a quantia de gemas, mudando-se a semente,  
e se agrada por pintar-se com rubor afim ao seu. 75

DA MACIEIRA.

A macieira enxertada em ramos longos continua  
a crescer e, amigável, muda a pereira a que se associa.  
Ela se exorta a deixar os rudes hábitos nos bosques,  
e fica contente por aproveitar frutos mais nobres. 80

Alisa as ameixeiras eriçadas e os troncos armados  
de espinhos e os reveste, crescida, de belas folhagens.

<sup>30</sup> *Fílis*: essa personagem mítica era filha de um rei da Trácia e enamorou-se de Demofonte, príncipe de Atenas. Abandonada pelo homem, suicidou-se pendurando-se de uma árvore, mas teria sido metamorfoseada em amendoeira pelos deuses. Ovídio faz de Fílis a remetente de uma de suas *Her.*, a de número 2. Ver ainda, em *Insit.*, v. 97 e v. 159.

<sup>31</sup> *Líbicos ramos*: ramos de romãzeira.

<sup>32</sup> *Romãzeira*: no original latino, emprega-se *malum Punicum* – “pomo púnico” –, em alusão à origem norte-africana dessa espécie. Cunha (2010, p. 689), por sua vez, explica que o termo vernáculo “romã” e seus derivados aludem etimologicamente à expressão latina *malum Romanum* – “pomo romano”. Preferimos aproximar-nos desse último termo, ao traduzir, devido ao seu caráter mais imediatamente identificável para o leitor de língua portuguesa.

- Sabe fazer crescer a pequena sorva com doce seiva  
e baixar os frutos às mãos que os querem.
- Alegra-se em trocar o nome das plantas do salgueiro 85  
e em salpicar de flores o bosque caro às Ninfas.
- Ensinou aos troncos do plátano, afins a Baco porta-tirso<sup>33</sup>,  
ficarem rubros e cheios de novos frutos.
- O pessegueiro admira suas sombras insólitas,  
e as folhagens do choupo dão brancos dons. 90
- A nespereira a obedece e, mudando as duras entranhas,  
enche seu fruto e o enrubesce, pleno de níveo sumo.
- Em vez de estacas pesadas e das armas bojudas,  
dão as castanheiras frutos novos, glória dourada.
- DO PESSEGUEIRO.
- O próprio pessegueiro carrega seus ramos de um garfo 95  
melhor e sabe associar sua espécie à ameixeira,  
depõe leves sombras na árvore de Fílis  
e aprende a ser mais forte com tal aproximação.
- DO MARMELEIRO.
- Embora o marmeleiro dourado receba todos os frutos,  
não se confia a nenhum acolhimento alheio. 100
- Desprezou o córtex de tronco diferente e é orgulhoso<sup>34</sup>,  
sabe que por nada pode aumentar tamanha honra;  
mas, abrindo leitões conhecidos para ramos próprios,  
ele se contenta com nobilitar os próprios bens.
- DA NESPEREIRA.
- Aos duros frutos da pereira, desprezada pelo sabor, 105  
a nespereira suplanta em segurança, aplicado o seu garfo:  
ela se enxerta mais ferozmente com as duplas armas<sup>35</sup>,

<sup>33</sup> *Porta-tirso*: o tirso era um bastão entrelaçado com ramos de hera/videira, sendo um dos atributos de Baco e de suas seguidoras em transe, as Mênades; no topo, apresentava uma pinha de semelhança fálica. O emprego do tirso corresponderia ao de uma espécie de arma, que adquiria grande poder destrutivo quando empunhado sob impulso da divindade. Veja-se “Portal Grécia Antiga” <<https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0184>> Acesso em 01/11/2021. Os plátanos são “afins a Baco”, como quer Paládio, porque essa árvore podia ser empregada como suporte para a “monta” de vinhas; veja-se *infra* v. 124.

<sup>34</sup> *É orgulhoso*: tem-se nesses dizeres um exemplo de “personificação”, ou de como Paládio procura animar a Natureza vegetal que aborda no poema. Embora outra figura, a “catacrese” (uso figurado da linguagem que leva a falar em *pedes* – “pés” –, *medullae* – “medulas” –, *bracchia* – “braços” etc. para designar partes de plantas), também seja usual em latim e outros idiomas, atribuir contornos morais de altivez ao marmeleiro resulta em efeito expressivo diferenciado.

<sup>35</sup> *Duplas armas*: nota *ad locum* de Fitch (PALLADIUS, 2013, p. 266) explica que “like other grafts, this one is made onto wild stock: hence the reference to hard fruit, and to the wild’s pear’s armour (...) reinforcing that of the medlar itself” – “como outros enxertos, este é feito no tronco selvagem: daí a referência a frutas duras e à armadura da pera selvagem (...) reforçando a da própria nêpera”.

e o tronco austero espanta ávidas mãos.

DO LIMOEIRO.

Ademais, também os ramos do limoeiro toleram ter mudas  
emprestadas, que a amoreira alimenta no córtex pleno; 110  
e, para nutrir frutos perfumados pelo sumo agradável,  
mudam os típicos espinhos de armadas pereiras.

DA AMEIXEIRA.

As ameixeiras juntam ricos garfos a seus membros  
e portam férteis dons de um corpo semelhante. 115  
Desarma os frutos, mas arma os braços do lenho  
a ameixeira que fazemos habitar na castanheira.

DA ALFARROBEIRA.

As alfarrobeiras se acostumam a amolecer em verde seiva  
e nutrem frutos de cera em seu regaço.

DA FIGUEIRA.

Leva as amoras a variegar sua cor sombria  
a figueira, e dita suas leis às folhagens tomadas. 120

Também admira que cresça com seiva rica  
e se alegra ao passarem os frutos do tamanho usual.

Nos plátanos notáveis pelas folhas, de ramos propícios  
às mesas, de folhagens alegres com a honra das vinhas,  
excelsa figueira adentra, conserva-se com seu córtex rico; 125  
e, de posse, enche os ocos que desejou.

DA AMOREIRA.

Além disso, a figueira ainda faz troca mútua  
com as amoreiras, e nutre o garfo fornecido.

O freixo une seus membros a esta ávida companhia  
e temeu os novos frutos, salpicado de sangue. 130

Altas faias e os pomos hirsutos da castanheira  
verdejante – frutos ásperos entre duras folhagens –  
ela tinge, mostra-lhes como enegrecer nascendo escuros,  
e alimenta, com nova seiva, túrgidos pomos.

O terebinto<sup>36</sup>, de suave odor, obedece às amoreiras 135  
e nascem dons mesclados de duplo bem.

DA SORVEIRA.

As sorveiras engrandecem sua produção graças  
à melhora da cepa e brilham curvas, pelo belo esforço.

<sup>36</sup> André (2010, p. 256) identifica a planta com este nome quer com *Pistacia terebinthus* L. quer com *Pistacia vera* L. No primeiro caso, é uma árvore nativa da Itália e que dá frutos avermelhados do tamanho de uma lentilha; no outro, é o pistache. Como a última espécie já será citada adiante em *Insit.* (v. 157 *et seq.*), preferimos diferenciar claramente o latim *terebinthus* no presente contexto.

Tal árvore despiu<sup>37</sup> os duros membros do espinheiro  
 das pontas, encobriu as armas com suave cortiça, 140  
 alegra-se em misturar áureos marmelos a seu fruto  
 enxertado e ama os dons de cor distinta.

DA CEREJEIRA.

Enxerta-se a cerejeira no loureiro e, impondo-se o fruto,  
 adotado pudor pinta a face virginal.<sup>38</sup>  
 Faz<sup>39</sup> plátanos frondosos e a ameixeira de vicioso caule 145  
 colorirem os membros com suas gemas  
 e matiza as ramagens do choupo com um novo dom,  
 assim cobrindo suave rubor os braços alvos.<sup>40</sup>

DA AMENDOEIRA.

Fílis os membros perfumados com flores precoces  
 encobre, presa ao córtex aberto da ameixeira, 150  
 torna pêssegos em frutos de invólucro híbrido  
 e ensina a dureza a substituir sua pele.

Suaviza a forma quando a alfarroba cresce  
 e enriquece com bom odor a agrestes ramagens,  
 faz a dura castanheira, abandonando os ouriços, 155  
 admirar a pele lisa de seu fruto.

DO PISTACHE.

Além disso, também pistaches nascem sob ramos de amendoeira  
 e buscam maior valor com a exiguidade.

E o terebinto, cingindo-os com cobertura afim,  
 nutre e espera ser enobrecido por adotiva folhagem. 160

DA CASTANHEIRA.

Fecundam o salgueiro dos rios os altos membros  
 da castanheira e esses, nutridos com muita seiva, prosperam.

DA NOGUEIRA.

A sombra da vasta noqueira domina ramagens de medronheiro

<sup>37</sup> *Despiu*: o que encontramos aqui apresenta uma sorveira em atitude “pacifista” de “despir” o espinheiro de pontas, ou até de ocultar tais “armas” com sua cortiça; assim a planta ganha, mais do que vagos contornos antropomorfizados, algo semelhante a uma específica “personalidade”; veja-se *supra* nota 34.

<sup>38</sup> *Face virginal*: comentários de Fitch (PALLADIUS, 2013, p. 267) apontam um efeito de natureza mítica, pois a planta a receber “forçada” os coloridos frutos da cerejeira é, neste dístico, o loureiro. Miticamente, a origem dessa espécie se explicava como resultado da metamorfose da ninfa Dafne, depois de perseguida a contragosto por Apolo, que desejava possuí-la (OVÍDIO, *Met.* 1.525 *et seq.*).

<sup>39</sup> *Faz*: a cerejeira, disposta a fazer prevalecer a vividez de seus frutos onde falte a cor ou haja odioso traço moral (*iniquam robore prunum* – “ameixeira de vicioso caule”, v. 145; grifo nosso), também ganha tons psicologizantes nesse trecho; vejam-se *supra* notas 34 e 37.

<sup>40</sup> *Suave rubor os braços alvos*: cria-se, neste verso, delicado efeito cromático de contraste do vermelho sobre o branco; isso evoca, ainda, a “sensação” de pudor do casto choupo ao ser enxertado à força com a cerejeira.

e, sob dupla casca, em segurança produz os frutos.  
Outros enxertos – que engenhosa prática, com o tempo, 165  
revelará – foram inventados de modo novo.  
Basta ter lembrado isso, em verso, um tênue poeta,  
a que agrada mover a superfície do solo escavado.  
Tu, lê versos conformados entre duras enxadas:  
rudes, mas de uma doce rusticidade. 170

## REFERÊNCIAS

AMMIANUS MARCELLINUS. **The surviving books of the History; Excerpta Valesiana**: III volume. With an English translation by John C. Rolfe. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press/Heinemann Ltd., 1986.

ANDRÉ, Jacques. **Les noms des plantes dans la Rome Antique**. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

ARMENDÁRIZ, José Ignacio García. **Agronomía y tradición clásica: Columela en España**. Sevilla: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.

175

CARTELLE, Enrique Montero. Prosa técnica no gramatical. *In*: CODOÑER, Carmen (org.). **Historia de la literatura latina**. Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-810.

CASAS, Ana Moure. Introducción. *In*: PALADIO. **Tratado de agricultura; Medicina veterinaria; Poema de los injertos**. Traducción, introducción y notas de Ana Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990, p. 7-79.

CICERO. **De officiis**. With an English translation by Walter Miller. London/New York: William Heinemann/G. P. Putnam's Sons, 1928.

CICERO. **De optimo genere oratorum, in Tomus II. A. S.** *In*: WILKINS, Augustus Samuel (ed.). *Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis*. Oxonii: e Typographeo Clarendoniano, 1964, p. 204-210.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

ÉLIO DONATO. *Vita Vergilii*. Trad. Ruth Junqueira de Faria. *In*: NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza; PETERLINI, Arioaldo Augusto (org.).

**Historiadores latinos:** antologia bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 341-349.

FITCH, John G. Introduction. *In: PALLADIUS. The work of farming (Opus agriculturae).* A new translation from the Latin by J. G. Fitch. Devon: Prospect Books, 2013.

GESNER, Johannes Matthias (org.). **Scriptores rei rusticae ueteres Latini:** tomus alter. Lipsiae: Sumptibus Caspari Fritsch, 1774.

GOUJARD, Raoul. Introduction. *In: CATON. De l'agriculture.* Texte établi et traduit par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. VII-LVI.

GRIMAL, Pierre. **Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine.** Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

ISAGER, Signe; SKYDSGAARD, Jens Erik. **Ancient Greek agriculture:** an introduction. London/New York: Routledge, 1992.

MARTIN, René. Introduction. *In: PALLADIUS. Traité d'agriculture:* tome premier – livres I et II. Texte établi, traduit et commenté par René Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. VII-LXVII.

MEYER, Ernst H. F. **Geschichte der Botanik:** zweiter Band. Königsberg: Verlag der Gebrüder Bornträger, 1855.

OVÍDIO. **As metamorfoses.** Org. Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes. Florianópolis: UFSC, 2017.

OVIDIO. **Lettere di Eroine.** A cura di Gianpiero Rosati. Milano: Rizzoli, 1998.

PALADII RUTILII TAURI AEMILIANI VIRI INLUSTRIS. **Opus agriculturae.** Ex recensione J. C. Schmittii. Lipsiae: In Aedibus B. G. Teubneri, MDCCCLXXXVIII.

PALADIO. **Tratado de agricultura; Medicina veterinaria; Poema de los injertos.** Traducción, introducción y notas de Ana Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990.

PALLADIUS. **Das Bauernjahr.** Herausgegeben und übersetzt von Kai Brodersen. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2016.

PALLADIUS. **The work of farming (*Opus agriculturae*)**. A new translation from the Latin by J. G. Fitch. Devon: Prospect Books, 2013.

PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira. O canto de Orfeu em dísticos elegíacos: lamento e exaltação no prefácio II de *O rapto de Prosérpina*. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, vol. 14, n. 2, p. 181-191, 2018.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

THOMAS, Richard Fitzgerald. Introduction. In: VIRGIL. **Georgics, volume I: books 1-2**. Edited by Richard F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-34.

TOOHEY, Peter. **Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry**. London/New York: Routledge, 1996.

WHITE, K. D. **Roman farming**. London: Thames & Hudson, 1970.

“Portal Grécia Antiga” <<https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0184>>  
Acesso em 01/11/2021.